

C B
H A

40° COLÓQUIO DO
COMITÊ BRASILEIRO
DE HISTÓRIA DA ARTE

PESQUISAS EM DIÁLOGO



40° COLÓQUIO DO
COMITÊ BRASILEIRO
DE HISTÓRIA DA ARTE

PESQUISAS EM DIÁLOGO

Realização



Co-realização



Universidade
Federal de
Uberlândia



**CBHA - Comitê Brasileiro de História da Arte
Fundado em 1972**

Presidente de honra: Walter Zanini (*in memoriam*)

Diretoria do CBHA (2020-2022)

Presidente: Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente: Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Secretária: Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro: Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo (2020-2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Blanca Brittes (UFRGS)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire (UFBA)

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

Comissão de Organização e Comitê Científico do 40º. Colóquio do CBHA

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU / CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ)

Bianca Knaak (UFRGS)

Camila Dazzi (CEFET – RJ)

Eduardo Veras (UFRGS)

Fernanda Pitta (Pinacoteca do Estado)

Maria Inez Turazzi (UFF)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP)

Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tadeu Chiarelli (USP)

Imagem da Capa

Sandro Ka, Imagem e semelhança, 2013. Gesso e borracha, 26 x 17 x 6 cm. Foto: Santo Clic

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (40: 2020)

Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em diálogo

(evento online), 7 -11 nov. 2020 (Organização: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). Uberlândia: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2021 [2020].

375 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.40>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do XXXIX Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

Publicações, colóquios anteriores e demais informações estão disponíveis em:

<http://www.cbha.art.br/index.html>

Contato: cbha.secretaria@gmail.com



Historiografia da arte no Brasil: narrativas para outra prática

Ivair Reinaldim, Universidade Federal do Rio de Janeiro/ CBHA

Resumo

O texto apresenta as linhas gerais do projeto “Historiografia da Arte no Brasil: textos fundamentais, narrativas para *outra* prática futura”, ainda em fase inicial: questões metodológicas, análise da constelação de referências bibliográficas e alguns pressupostos teóricos. Objetiva a divulgação e o compartilhamento de interesses de investigação, por meio de futuras trocas com pesquisadoras e pesquisadores da História da Arte no Brasil.

Palavras-chave: Historiografia da arte no Brasil. Arte no Brasil. Epistemologias da História da Arte. Teorias pós-coloniais / decoloniais. Antologia.

Abstract

The text presents the general lines of the project “Historiography of Art in Brazil: fundamental texts, narratives for another future practice”, still in its initial phase: methodological issues, analysis of the constellation of bibliographic references and some theoretical assumptions. It aims to disseminate and share research interests, through future exchanges with researchers in the History of Art in Brazil.

Keywords: Historiography of Art in Brazil. Art in Brazil. Epistemologies of Art History. Postcolonial / Decolonial Theories. Anthology.

A realização remota do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte no contexto de isolamento social, devido à pandemia de COVID-19, objetivou o estímulo à troca de experiências entre seus membros, promovendo a “apresentação de investigações em andamento, resultados preliminares, inquietações e questões metodológicas e historiográficas enfrentadas”¹. A partir de tais pressupostos, opto por divulgar o projeto “Historiografia da Arte no Brasil: textos fundamentais, narrativas para *outra* prática futura”, cadastrado na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e com início em julho de 2020.² Embora o projeto seja mais ou menos recente, seu escopo surgiu e foi se estruturando por meio das experiências desenvolvidas e adquiridas na prática de ensino, sobretudo em relação à disciplina “Historiografia da Arte no Brasil”, integrante da matriz curricular do Bacharelado em História da Arte da Escola de Belas Artes da UFRJ, a qual ministro desde o segundo semestre de 2016.

A ementa da disciplina compreende: 1. problemas históricos, filosóficos e epistemológicos acerca da história e dos(as) historiadores(as) da arte no Brasil; 2. existência ou não de uma “arte brasileira”, a partir de questões como “identidade(s)”³ e outras especificidades possíveis; 3. diferenças e aproximações entre revisão bibliográfica, estado da questão e estudo da documentação (fontes); 4. identificação de recortes temporais e/ou temáticos que constituam “núcleos” maiores da historiografia da arte no Brasil, agregando, para além das fontes primárias e revisões históricas, certo número de pesquisadores(as) e grupos de pesquisa no país. Embora a disciplina seja eminentemente teórica, entendo ser de suma importância a operatividade inerente à pesquisa em sala de aula, desde a identificação de fontes, sua diferença em relação à revisão historiográfica e a avaliação do “estado da questão”, tanto no que se refere aos assuntos mais gerais, quanto para recortes específicos propostos como estudos de caso ou mediante interesse particular de cada discente (possíveis temas para elaboração de um futuro trabalho de conclusão de curso).

A criação dos bacharelados em História da Arte no país, somados aos demais cursos de graduação já existentes em áreas afins e aos cursos de pós-graduação, produziu aumento significativo no interesse pela historiografia da arte, com um público de estudantes, professores, pesquisadores e especialistas vários (artistas, curadores, críticos, museólogos, colecionadores, galeristas, jornalistas culturais, arte-educadores, etc.) que só tende a crescer⁴. No caso da

¹ O evento igualmente pretendeu “promover os diálogos e as conversas orgânicas, de modo a consolidar vínculos e afinidades entre os investigadores do campo da História da Arte, colaborando também no aspecto formativo de novos pesquisadores interessados na área de conhecimento”. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/atual/index.html>

² Até o momento, o projeto conta com a participação de Lorraine Pinheiro Mendes, doutoranda do PPGAV-UFRJ, e do graduando Renato do Carmo Mendonça, bolsista de Iniciação Científica.

³ A problemática acerca de uma suposta identidade brasileira na arte não decorre de uma ênfase em tal narrativa, ou mesmo de uma concordância com a mesma, mas da investigação de como a defesa ou negação dessa adjetivação ocorreu e ocorre em diferentes momentos da história da arte no país. A pergunta a ser feita aqui é “Por que e como o ato de enfatizar - ou questionar - uma identidade nacional para arte produzida no país constituiu uma necessidade e uma estratégia discursiva em narrativas diversas elaboradas no e a partir do Brasil?”.

⁴ Recentemente, de 1 a 12 de fevereiro de 2021, ministrei remotamente o curso de extensão “A arte no Brasil e suas historiografias” no MASP Escola, e dados das inscrições reforçam o interesse no assunto por parte tanto de um público especializado quanto não especializado. Maiores informações: <https://masp.org.br/masp-escola/arte-no-brasil>

historiografia da arte no Brasil, no entanto, há uma série de problemas decorrentes da dificuldade de acesso a material bibliográfico e às fontes, algo já exaustivamente pontuado em publicações da área⁵. Grande parte dos textos encontra-se disperso e quando alguns deles são republicados em recortes temporais mais precisos (sobretudo o século 20), as coletâneas esgotam rapidamente e o problema tende a persistir. A falta de publicações que organizem esses documentos, por sua vez, torna o ensino da historiografia da arte uma tarefa de pesquisa em si mesma, impelindo docentes ao levantamento e à organização empírica do material que constituirá o repertório sobre o qual a disciplina irá se ocupar.

Desse modo, o projeto “Historiografia da Arte no Brasil: textos fundamentais, narrativas para *outra* prática futura” compreende o levantamento e sistematização de textos fundamentais para a pesquisa historiográfica da Arte no Brasil, de modo a, ao fim do processo, organizar uma antologia⁶ inédita, composta por cinco diferentes publicações, por ora identificadas como “núcleos temáticos”. As cinco publicações correspondem, de modo orgânico, a recortes mais ou menos estabelecidos por meio da atuação e produção intelectual de grupos de pesquisa no país: o processo de institucionalização do campo historiográfico, no século XIX e início do século XX; a historiografia modernista, do final do século XIX a meados do século XX; o passado colonial, do século XVI ao início do século XIX; a arte contemporânea, a partir dos anos 1960. Essas quatro publicações não constituem divisões estanques, principalmente no que se refere ao recorte temporal, mas uma orientação para pessoas interessadas no assunto, cada texto sendo apresentado por meio de uma análise crítica, biografia de autor(a), apresentação do contexto de publicação e sugestões intertextuais (entre tópicos presentes nos diferentes livros). Esses quatro livros serão antecidos por outro, mais geral, que abordará textos sobre historiografia, a constituição dos cursos de graduação e pós-graduação no país, as “disciplinas” afins e uma “linha do tempo”, listando cronologicamente todos os textos e autorias identificados na investigação, por meio de sumários e listagens.

Todas as cinco publicações tratarão também das artes e culturas ameríndias, das matrizes africanas e artistas afro-diaspóricos, da atuação das mulheres no campo, da produção artística em diferentes locais do país, da cultura visual e da cultura material, das histórias das exposições, etc. Entende-se que esses tópicos não são núcleos temáticos gerais, a ponto de serem apresentados em livro à parte, mas aspectos que se localizam na longa temporalidade da arte no Brasil. Nesse sentido, constituem categorias de investigação que estarão presentes nos cinco livros da Antologia.

Por ser uma pesquisa em fase inicial, o levantamento de textos está ocorrendo junto a um aprofundamento das questões teórico-metodológicas que norteiam o projeto, entre elas: 1. problemáticas atuais acerca da prática do ensino

⁵ Cito como exemplo o debate “Existe uma arte brasileira?”, publicado na edição especial sobre a história da arte no Brasil da revista *Perspective* (Paris: INHA, 2014, pp. 2-16). Disponível em: <http://perspective.revues.org/5543>

⁶ “Na literatura, por norma, as antologias são formadas por diferentes textos (prosas ou versos) que são organizados dentro de um único volume, formando uma coletânea (coleção) de obras que abrangem um tema, período histórico ou autor específico.” (<https://www.significados.com.br/antologia/>)

da historiografia da arte no Brasil; 2. definição e tensões decorrentes da constituição de recortes e núcleos temporais e/ou temáticos; 3. confronto entre “História” e “histórias”, tomando como base a diversidade de narrativas sobre a arte no Brasil; 4. fundamentos para a elaboração de parâmetros para uma prática historiográfica atual e futura no país. Desse modo, reforço que não são parâmetros irrevogáveis; a atenção à investigação e à análise do material, assim como o diálogo com pesquisadoras e pesquisadores da área podem e devem contribuir com mudanças futuras na investigação.

Diálogos metodológicos: uma constelação de antologias

Outras publicações similares, em formato Antologia, são tomadas como referência para esta pesquisa, uma vez que sistematizaram e disponibilizaram textos importantes para a historiografia da arte no Brasil, mesmo que o recorte temporal predominante, de modo geral, seja o século 20. Embora haja grande variedade de antologias voltadas para a produção de um único agente, em geral no âmbito da crítica de arte⁷, tomo como referência aqui apenas as coletâneas que englobem a diversidade de autoria (coletâneas).

Em 1977, como catálogo da mostra *Projeto Construtivo Brasileiro na Arte (1950-1962)*, realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com curadoria de Aracy Amaral e Lygia Pape, foi organizada uma antologia sobre as vanguardas construtivas, composta por tradução de textos europeus e latino-americanos, republicação de textos brasileiros da época em questão, ensaios inéditos e elaboração de uma cronologia. Aracy Amaral argumenta que houve preocupação informativa, complementar à mostra, mas também pedagógica, a partir de um enfoque de revisão crítica. Desde então, essa publicação tornou-se a principal fonte historiográfica sobre o tema. Interessa-me, em particular, a dimensão pedagógica que a iniciativa teve desde o início, algo que o presente projeto também tem por princípio.

Ricardo Basbaum organiza a publicação *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*, em 2001, com seleção de 39 textos de autores diversos, produzidos nos anos 1980 e 1990 (exceto 2 deles, da década de 1970), compilados por encadeamento cronológico em duas diferentes partes: na parte I, textos que tratam da produção de um conjunto de artistas brasileiros contemporâneos; na parte II, escritos que procuram caracterizar o campo da arte contemporânea em sua relação com o processo cultural brasileiro. A apresentação de André Parente e Kátia Maciel para a publicação encontra consonância com os objetivos desta pesquisa, quando afirmam que a “coletânea estrutura em rede uma série de textos críticos que participam e intervêm no campo da arte

⁷ Entre eles, Mário Pedrosa (1975, 1981, 1995, 1996, 1998, 2000, 2015), Sheila Leirner (1982 e 1991), Aracy Amaral (1983 e 2006), Ferreira Gullar (1994, 2003 e 2015), Tadeu Chiarelli (1999), Frederico Moraes (2004), Paulo Sergio Duarte (2004), Icleia Cattani (2004), Ronaldo Brito (2005), Rodrigo Naves (2007), Wilson Coutinho (2008), Antonio Gonçalves Filho (2009), Aline Figueiredo (2010), Reynaldo Roels Jr. (2010), Moacir dos Anjos (2010 e 2017), Lorenzo Mammi (2012), Roberto Pontual (2013), Paulo Venancio Filho (2013), Francisco Bittencourt (2016), Luiz Camillo Osorio (2016), etc.

contemporânea brasileira” (embora nosso objetivo seja ampliar o recorte para a historiografia no Brasil como um todo). Ainda, segundo os dois apresentadores, “Pensar o território movente do qual [essa produção discursiva] emerge é a condição de possibilidade que sustenta essa rede. Seguir o fluxo dos textos aqui reunidos é acompanhar as transformações que atravessam o pensamento da arte no Brasil.” (PARENTE e MACIEL *in* BASBAUM, 2001, p. 9)

Em 2006, a Funarte publica o livro *Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas*, organizado por Glória Ferreira. O livro compila 91 textos críticos de diferentes autores, produzidos entre 1946 e 2005, provenientes de circunstâncias diversas (textos de jornal, catálogos de exposições individuais e coletivas, revistas universitárias, etc.), organizados cronologicamente, mas a partir de sete diferentes núcleos temáticos: a tradição construtiva; vanguarda/experimentalismo; crítica da crítica de arte; circuito; retorno/permanência da pintura; imagem e mídias; situações transitivas. A organizadora ressalta que

(...) cada temática representa, em si, um universo de pesquisa e coloca como exigência horizontes de tratamentos particulares, do mesmo modo que indica a necessidade de publicações por autores. Agrupá-los, em ordem cronológica, como indicadores de reflexões teórico-críticas, permite, espero, que se desvelem diálogos e interrogações presentes ao longo do desenvolvimento histórico da arte brasileira contemporânea. (FERREIRA, 2006, p. 17)

Essa divisão por núcleos temáticos, constituindo “subgrupos” contidos no recorte principal (no caso, a arte contemporânea), é de interesse para esta pesquisa, uma vez que a aproximação de textos de diferentes autorias, produzidos em momentos diversos, sobre um mesmo tema ou com objetivos similares, permite articular os discursos sobre a arte e sua história, atentando-se à pluralidade de pontos de vista e à singularidade de situações abordadas em diferentes modalidades de criação e circulação discursiva, de modo a reforçar o debate e a heterogeneidade de posições.

Em 2014 a editora Cobogó publica o livro *Histórias mestiças: antologia de textos*, organizado por Adriano Pedrosa e Lilia Moritz Schwarcz, compilando 70 textos, tomados como referência na preparação da mostra *Histórias Mestiças*, no Instituto Tomie Ohtake, de modo que um público mais amplo, para além do âmbito acadêmico, pudesse acessar esses documentos e aprofundar algumas questões sugeridas pela exposição⁸. A antologia constrói, assim, uma espécie de panorama teórico, ao mesmo tempo plural e ambivalente, por reunir textos produzidos entre 1557 e 2013, que não necessariamente tratam de artes visuais, mas tornam-se fundamentais para aproximar a cultura material/visual brasileira de discussões acerca da colonização, escravatura e mestiçagem no Brasil, sendo entendidas como “narrativas de fronteira”. Lilia Moritz Schwarcz assinala:

⁸ A exposição *Histórias mestiças* ocorreu de 16 de agosto a 5 de outubro de 2014 e conta com um catálogo, também publicado pela editora Cobogó.

Diferente das narrativas lineares ou da rigidez das estratégias coloniais – que estabelecem lugares fixos e que dividem, de maneira binária, o dominador do dominado, o europeu do nativo, já as respostas coloniais e pós-coloniais acabaram tomando, e com frequência, formas mais flexíveis, articulando diferentes identidades discriminatórias. (...) Esse mesmo processo, não raro, leva a uma reavaliação de lugares, posições e dos próprios regimes de verdade. (...) Quase como uma resposta a esse modelo construído e veiculado pelas metrópoles coloniais, essas histórias mestiças aparecem como o outro lado do espelho, ou talvez como um outro espelho. Local de produção por excelência, essas narrativas apresentam respostas múltiplas e ambivalentes, frente a um tipo de discurso que prima por se mostrar assertivo e normativo. Os signos dessas histórias mestiças são também descontínuos, por oposição a uma história positiva – apoiada em datas e eventos previamente selecionados e cujo traçado se pretende objetivo e evolutivo. (SCHWARCZ, 2014, pp. 13-14)

À abordagem pós-colonial (via Homi Bhabha) evidente na introdução de Schwarcz, complementa-se a inclinação decolonial (via Walter Mignolo) na introdução de Pedrosa:

Não há mais uma única narrativa eurocêntrica na arte, mas muitas histórias pluriversais e polifônicas. Nesse sentido, é preciso prosseguir buscando outros modelos e teorias além dos eurocêntricos, não descartando-os completamente, mas mesclando-os com outros – rumo a uma caixa de ferramentas mestiça, antropofágica. Tal caixa de ferramentas pode canibalizar a história e a cronologia, as distinções entre arte popular e erudita, o africano e o ameríndio, o moderno e o contemporâneo. O desafio é complexificar a caixa de ferramentas mestiça, antropofágica, não apenas em relação a temas e imagens, mas também em termos de conceitos e linguagens. (...) À medida que restabelecemos conexões com outras matrizes, reescrevemos histórias do passado e propomos novas histórias para o futuro. (PEDROSA, 2014, p. 25).⁹

Para além dos problemas inerentes ao uso dos conceitos de mestiçagem e antropofagia, ambas as abordagens, a pós-colonial (Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Stuart Hall, etc.), em consonância com a decolonial (Aníbal Quijano, Edgardo Lander, Walter Mignolo, etc.), centrada, sobretudo, no contexto da América Latina, serão assumidas como referencial teórico por esta pesquisa, por entender que é preciso constituir uma seleção de textos que leve em

⁹ A grafia taxada corresponde ao original. Em nota, Pedrosa esclarece: “Denominações como arte popular, arte primitiva, arte naïf, ou arte ingênua são absolutamente superadas, e elas mesmas refletem preconceitos e discriminações terríveis.”

consideração as mudanças epistemológicas em curso, que não ocorrem apenas na História da Arte, mas em todos os campos do conhecimento. O enfoque, no entanto, será nos textos sobre artes visuais (obras, imagens, imaginário, cultura material e visual, campo artístico e seus agentes, políticas da arte e da cultura, etc.), não importando a área de origem (história, filosofia, sociologia, antropologia, psicanálise, literatura, etc.). Ampliar o território da História da Arte, por meio de produções discursivas de outros campos – como a história do Brasil, o pensamento sociológico brasileiro, a antropologia, a psicanálise, etc. – permitirá pensar a especificidade narrativa da arte (e sua história) em meio à tessitura social em que discursos são estruturados de modo a estabelecer uma *ordem*.¹⁰

A parceria entre Schwarcz e Pedrosa tem continuidade na atual gestão do Museu de Arte de São Paulo (MASP), na qual a abordagem pós-colonial/decolonial se acentuou na definição de um empreendimento para repensar o museu (e indiretamente a História da Arte). Surge então o programa “Histórias”, que compreende uma série de iniciativas (seminários, publicações, atividades pedagógicas, exposições individuais, mostras de vídeo, etc.) em torno de exposições coletivas temáticas: *Histórias da infância* (2016), *Histórias da sexualidade* (2017), *Histórias afro-atlânticas* (2018), *Histórias das mulheres, histórias feministas* (2019), *Histórias da dança* (2020), *Histórias indígenas* (2021), *Histórias do Brasil* (2022) e *Histórias da loucura e do delírio* (2023). Adriano Pedrosa, diretor artístico do museu, esclarece a opção pelo plural no título do programa:

Histórias em português (bem parecido com o *histoires* do francês e o *historias* do espanhol) pode abranger narrativas ficcionais e não ficcionais, factuais ou míticas, micro e macro, podem ser escritas ou orais, e ter caráter político, econômico, cultural ou pessoal. Como estrutura em que se coalescem narrativas que foram deixadas de lado, na margem, ou esquecidas, *histórias* é aberta, plural, diversa e inclusiva. (...) Histórias, portanto, são distintivamente polifônicas, especulativas, abertas, impermanentes, em fricção. (PEDROSA, 2018, pp. 9-10)

Essas narrativas múltiplas, muitas vezes “contranarrativas” em relação à hegemonia da História canônica, “se voltam necessariamente para o passado, mas com uma preocupação em relação ao presente e uma expectativa para o futuro: para que logo despertem discussões, debates e dúvidas, e sejam elas mesmas reconsideradas, revistas, reescritas” (PEDROSA, 2018, p. 10). O caráter especulativo do empreendimento, não restrito a textos tradicionais da História da Arte, é acompanhado por uma dimensão crítica, que se propõe a pensar os vínculos da arte com uma política de memória, confrontando a oficialidade das narrativas com saberes sujeitados e relatos eclipsados. Em relação à História da Arte, a abordagem decolonial é ressaltada por Pedrosa:

¹⁰ Ver: FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

A disciplina da história da arte, com suas raízes, estruturas e modelo profundamente europeus, é o aparato mais poderoso e duradouro do imperialismo e da colonização. Uma construção brilhante realizada no decorrer de séculos, ela tem consequências impressionantes. (...) Nesse sistema etnocêntrico, uma hierarquia perversa de objetos e autores é desenhada ao longo de um eixo regimentado. De um lado do eixo, encontramos o objeto cultivado das belas artes europeias ou euro-americanas – tais objetos e seus estilos com frequência eram associados aos gostos das elites e das classes governantes, mesmo que fossem apropriadamente pesquisados e legitimados por críticos e historiadores da arte. De outro lado, os artefatos do resto do mundo, em especial aqueles produzidos por artistas das antigas colônias sem emular os estilos e formas europeus ou sem uma educação europeia – o objeto exótico, primitivo, tribal e folclórico. O objeto das belas artes europeias se torna o padrão máximo, o extremo do eixo e a baliza pela qual todos os outros devem ser julgados, categorizados, classificados e posicionados. (...) O que surge é uma articulação potente e complexa entre cultura e história da arte por um lado, e colonização e imperialismo por outro, que permite ao imperialismo cultural ou, mais precisamente, da história da arte, sobreviver apesar do fim do colonialismo direto. (PEDROSA, 2018, p. 8)

Das exposições já realizadas pelo MASP, quatro delas foram acompanhadas por antologias: *Histórias da sexualidade* (2017), contando com 30 textos, produzidos entre 1971 e 2017; *Histórias afro-atlânticas* (2018), com 44 textos, escritos entre 1968 e 2018 (apenas um dos textos data de 1851); *Histórias das mulheres, histórias feministas* (2019), reunindo 40 textos, excetuando-se 3 deles (de 1835, 1877 e 1927), todos produzidos entre 1969 e 2019; e *Histórias da dança*, com 28 textos que tratam dos entrelaçamentos entre dança, cultura visual e políticas do corpo. Essas antologias não se restringem à arte no Brasil, publicando ensaios que tratam de conjunturas internacionais, embora *outras*, a partir de uma noção de similitude, como possíveis referências para uma intervenção crítica no contexto brasileiro que se dá no *agora*. De modo geral, elas compilam textos de conferencistas dos seminários públicos organizados pelo museu no processo de preparo das mostras, traduções de textos estrangeiros ainda inéditos em língua portuguesa e reedições de textos brasileiros, muitos deles de difícil acesso (e concentrados em uma temporalidade mais ou menos recente). Contam ainda com depoimentos e comentários de artistas, curadoras e curadores e demais agentes do campo da arte, a partir de perguntas elaboradas e enviadas pela equipe do museu.

Todas as coletâneas aqui listadas são tomadas como referência para esta pesquisa, embora seus recortes e objetivos possam ser mais restritos (vanguardas construtivas; arte contemporânea) ou extrapolem a conjuntura artística, tratando de questões afins à América Latina, África, Europa e Ásia (gênero, colonialismo, escravidão, racismo, etc.). Constituem uma constelação de referências, uma vez

que a Antologia de Historiografia da Arte no Brasil, nos moldes aqui propostos, apresenta-se como empreendimento inédito no país. Nesse diálogo estabelecido e constantemente reinstituído, tomo como parâmetro a afirmação de Paulo Herkenhoff, para quem o Brasil “acaba sendo um ponto de vista, do qual se olha o mundo” (HERKENHOFF *in* BASBAUM, 2001, p. 359). Assim, para a seleção dos textos que formarão os volumes desta pesquisa, parte-se do Brasil, país culturalmente heterogêneo, como parâmetro, *local* de pontos de vista múltiplos, por vezes contraditórios e em conflito, e que congrega *modos* de ver e ler.

Rumo ao giro decolonial

A noção de “giro” implica movimento, mas não apenas o mero deslocamento. Mais que transitar, é importante mudar constantemente as direções, mesmo que, a princípio, não se saia do *lugar*. Ou seja, giro marca também uma “opção decolonial”¹¹. Assim, tendo como base as teorias pós-coloniais e decoloniais – e seus conflitos e negociações frente às especificidades do contexto brasileiro –, este projeto avalia o debate historiográfico a partir de temas, recortes e conjunturas diversas, de modo a identificar e salientar continuidades e descontinuidades discursivas, na breve, média e longa duração dos debates historiográficos. Para tanto, parte das diferentes problemáticas na consideração e localização de fontes primárias/historiográficas – até mesmo sua não existência em moldes tradicionais –, procurando compreender como certos aspectos referentes à relação “arte” e “contexto”, em detrimento de outros, tenderam a ser privilegiados por quem fez e faz história da arte no Brasil no decorrer do tempo.

Sendo pesquisa em aberto e em processo, mais que apresentar resultados, o projeto insere-se na experiência do debate e na constituição de diálogos, a partir do compartilhamento de experiências e trocas com pesquisadoras e pesquisadores com práticas comuns, uma vez que tem como princípio a colaboração. As publicações a serem organizadas pretendem suprir lacunas, disponibilizando textos hoje pouco conhecidos, articulados com aqueles recorrentes na prática da História da Arte no país, porém distribuídos em diferentes fontes. Ao congrega esses textos em uma mesma antologia, o projeto objetiva não apenas contribuir para a prática docente e discente, mas também a estimular novas possibilidades de investigação e a rearticulação de problemáticas, em consonância não só com a contemporaneidade artística, mas também com uma jovem geração de historiadoras e historiadores da arte, que já na graduação tem provocado uma ampliação epistemológica da disciplina.

¹¹ Ver: BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *In: Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, pp. 89-117, 2013; MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 32, n° 94, pp. 1-18, junho/2017; CARNEIRO, Amanda (org.) *Arte e descolonização*. São Paulo: MASP, Afterall, 2019. [9 publicações]. Disponíveis em: <https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao>

Referências

AMARAL, Aracy (coord.). *Projeto construtivo brasileiro na arte: 1950-1962*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna; São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1977.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, pp. 89-117, 2013.

BASBAUM, Ricardo (org.). *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

BRYAN-WILSON, Julia; ARDUI, Olivia, MESQUITA, André (orgs.). *Histórias da dança: [vol. 2] antologia*. São Paulo: Masp, 2020.

CARNEIRO, Amanda (org.) *Arte e descolonização*. São Paulo: MASP, Afterall, 2019. [9 publicações]. Disponíveis em: <https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao>

FERREIRA, Glória (org.). *Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

MARQUES, Luiz; MATTOS, Claudia; ZIELINSKY, Mônica; CONDURU, Roberto. Existe uma arte brasileira? In: *Perspective*, Paris: INHA, 2014, pp. 2-16. Disponível em: <http://perspective.revues.org/5543>

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 32, n° 94, pp. 1-18, junho/2017.

PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (orgs.). *Histórias da sexualidade: [vol. 2] antologia*. São Paulo: Masp, 2017.

PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (orgs.). *Histórias afro-atlânticas: [vol. 2] antologia*. São Paulo: Masp, 2018.

____ (orgs.). *Histórias das mulheres, histórias feministas: [vol. 2] antologia*. São Paulo: Masp, 2019.

SCHWARCZ, Lilia; PEDROSA, Adriano (org.). *Histórias mestiças: antologia de textos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

Como citar:

REINALDIM, Ivair. Historiografia da arte no Brasil: narrativas para outra prática. *Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em Diálogos*, Evento virtual, CBHA, n. 40, p. 79-88, 2021 (2020). ISSN: 2236-0719. DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.40.07> Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.html>